

SEM TRABALHO, SEM LUGAR: INDIVÍDUOS SUPÉRFLUOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Darlan Roberto dos Santos¹

Resumo: Com base em considerações acerca da pós-modernidade e do “capitalismo excludente”, o presente artigo traz uma discussão a respeito do desafio que se coloca na contemporaneidade, quando se trata de “definir o lugar” de indivíduos considerados “supérfluos”. Neste sentido, serão mobilizadas algumas obras literárias, como as de Rubem Fonseca, cuja temática está relacionada aos “invisíveis sociais”. O objetivo é ilustrar o debate sobre o papel (ou a falta dele) desempenhado pelos “refugos humanos” em nossa sociedade, e em modalidades culturais, como Literatura e Cinema.

Palavras-chave: Pós-modernidade, invisíveis sociais, indivíduos supérfluos, literatura contemporânea.

Abstract: Based on considerations of post-modernity and the "exclusionary capitalism", this article presents a discussion of the contemporary challenge, when it comes to "make room" to individuals considered "superfluous". In this sense, will be mobilized some literary works, such as Ruben Fonseca, whose theme is related to the "invisible socially". The aim is to illustrate the debate on the attribution (or absence) of "human discarded" in our society, and cultural modes, such as Literature and Cinema.

Keywords: Postmodernity, individuals superfluous, invisible socially, contemporary literature.

1. Introdução

Para entendermos a segregação e as práticas excludentes em nossos dias, não basta recorrermos a teorias políticas e econômicas. Aspectos culturais e ideológicos também compõem esse cenário, que, comumente, é representado na literatura, no cinema e em outras modalidades de expressão humana. É com base nessas constatações que propomos o presente artigo, que tem, como objetivo principal, aguçar o debate em torno da pós-modernidade, no que tange aos seus desafios e “efeitos colaterais”, especificamente, a exclusão social e a incapacidade de aproveitamento de todo um contingente, que adquire diferentes denominações, como “invisíveis sociais”, “indivíduos supérfluos” ou “fora de lugar”.

Neste sentido, apresentamos uma breve explanação acerca da era contemporânea e do “capitalismo excludente”, enfocando a situação daqueles que são mantidos à margem – tanto econômica, quanto culturalmente – sendo, frequentemente, relacionados ao lixo, ao refugio e ao excedente. Algumas

¹ Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. E-mail: darlanjornalista@unipaclafaiete.edu.br.

obras literárias serão mobilizadas, na intenção de ilustrar a discussão acerca desses “invisíveis sociais” – termo proposto pelo psicólogo Fernando Braga da Costa, que terá papel fundamental em nosso texto.

Ao longo do artigo, outras abordagens – como as de Zygmunt Bauman e Mary Douglas – também serão acatadas, na intenção de tecer considerações que possam ser úteis ao entendimento de nossa época, marcada por tantas contradições e impasses, quando se trata de “inserir” aqueles que parecem estar deslocados, diante da “pós-modernização” e de suas implicações sócio-econômicas e culturais.

2. Pós-modernidade, consumo e indivíduos supérfluos

Muitas são as considerações acerca da pós-modernidade¹. O assunto, que ainda gera controvérsias, tem, no filósofo francês Jean-François Lyotard², um de seus principais debatedores. Algumas palavras proferidas pelo autor funcionam como verdadeiras “senhas”, que nos remetem ao centro da discussão: “incredulidade”, “desencanto”, “deslegitimação” e “erosão” são vocábulos essenciais.

A crise de valores e paradigmas, impulsionada por questões econômicas, entre elas, o aumento da produção e do contingente de consumidores, configura-se, em nossa época, como característica estrutural. Acatando-se uma visão “pós-marxista”, com base na obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, acredita-se que há várias implicações neste contexto, como a necessidade do *stablishment* em criar mecanismos de alienação coletiva. Assim, o consumismo adquire papel crucial na sociedade ocidental, visando não só mercadorias, mas, também, estilos de vida, visões de mundo, o homem, enfim.

Em meio a esse panorama, uma implicação, em especial, desperta-nos atenção: na contemporaneidade, somos compelidos a nos “pós-modernizar”, sob pena de sermos descartados, destinados ao “depósito de lixo”. A este respeito, Bauman emprega considerações do polonês Stefan Czarnowski, que descreve as pessoas “supérfluas” ou “marginalizadas” como “indivíduos déclassés”, de condição social indefinida, considerados redundantes do ponto

de vista material e intelectual, e encarando a si mesmo desse modo. Segundo Bauman (2005, p. 54-55):

A 'sociedade organizada' trata esse contingente como parasitas e intrusos, acusa-os, na melhor das hipóteses, de simulação e indolência, e, frequentemente, de toda espécie de iniquidades, como tramar, trapacear, viver à beira da criminalidade, mas sempre de se alimentarem parasitariamente do corpo social.

Estabelece-se, portanto, uma divisão bastante clara, entre nós e os outros. "Nós" estamos circunscritos à sociedade pós-moderna; usufruímos de suas benesses e ajudamos a produzi-las. Culturalmente, obtemos o privilégio de participar do processo midiático – não mais como meros receptores, mas, também, como produtores de mensagens, que rapidamente se propagam, graças às mídias – TV, cinema, internet e à própria literatura. "Os outros", ao contrário, são representados pelo excedente: de mão de obra e de matéria-prima. "É sempre o excesso deles que nos preocupa", afirma Bauman (2005, p. 60).

A modernidade, a partir da qual se tornam cada vez mais escassos os lugares para sujeitos "supérfluos", começa a ser forjada muito antes, mediante a apropriação de espaços – geográficos e ideológicos –, sustentada pelo Imperialismo. Neste sentido, o teórico Edward Said, precursor dos estudos pós-coloniais, observa que "o Imperialismo, afinal, é um ato de violência geográfica, através do qual cada lugar é virtualmente mapeado, explorado e dominado" (SAID, 2005, p. 77).

O grande deslocamento inicial ocorre quando o colonizador, em terras potencialmente exploráveis, dá início a um processo de desestruturação – física e simbólica – das subjetividades locais. Neste momento, uma grande parcela das populações – principalmente, daquelas pertencentes aos "novos mundos" – começa a pagar o preço da modernidade, sob dois aspectos.

O primeiro, de natureza material, está relacionado, basicamente, à pobreza, fruto de uma distribuição desigual de recursos e oportunidades, característica do "capitalismo excludente" que se instaura no Ocidente. O segundo ônus da modernidade aproxima-se da visão empreendida por Said e pode ser resumido na "dispersão" que, como avalia Stuart Hall, obriga

identidades, até então, bem delimitadas, a “negociar com as novas culturas em que vivem” (HALL, 2003, p. 88).

Assinalamos, assim, que a globalização – paradigma da pós-modernidade – é herdeira do fenômeno instaurador da modernidade, aqui exposto resumidamente. Entretanto, há ressalvas importantes, como cita Alain Touraine, ao considerar uma “profunda mudança de perspectiva” (2002, p. 37), já que se imaginava uma unificação do mundo moderno, ante à fragmentação da sociedade tradicional. Hoje, para Touraine, ocorre o contrário, e a modernização parece levar-nos do homogêneo para o heterogêneo.

Do Imperialismo à descolonização; da experiência moderna da coesão à fragmentação pós-moderna, o *status quo* manteve a mesma (des) preocupação com a exclusão de um *contingente* que, como a própria palavra nos sugere, em um de seus possíveis significados, “não é necessário ou essencial”.

Ao referir-se a essa massa de “estranhos”, Bauman faz distinções entre o excluído moderno e o pós-moderno: “Os estranhos tipicamente modernos foram o refúgio do zelo de organização do estado. Foi à visão da ordem que os estranhos não se ajustaram”. (BAUMAN, 2001, p. 40). Na pós-modernidade, por sua vez, os estranhos passam a ser definidos, essencialmente, por seu espaço de enunciação: “Na cidade pós-moderna, os estranhos significam uma coisa aos olhos daqueles para quem a “área inútil” (as “ruas principais”, os “distritos agitados”) significa “não vou entrar”, e outra coisa aos olhos daqueles para quem “inútil” quer dizer “não posso sair”. (BAUMAN, 2001, p. 41).

Mas, há, aí, mais uma observação importante, que pode nos ajudar a delinear a situação de escassez que acomete tantos seres humanos em nossos dias: a convivência entre culturas, na contemporaneidade, não é mais vista preponderantemente como uma “ameaça” ao ideal de pureza, ao próprio estado-nação, visto que os paradigmas já são outros.

De anomalia a “sinal dos tempos”, o hibridismo sobressai como sintoma de uma nova era, em que a “contaminação” de culturas e modos de vida é cada vez mais aceita e, por que não dizer, incentivada, tendo como propulsores a mídia e as novas tecnologias. Jesús Martín-Barbero (2009, p. 60) pontua que

qualquer relação com outra cultura se dava como estranha/estrangeira e contaminante, perturbação e ameaça, em si

mesma, para a identidade própria. O processo de globalização que agora vivemos, no entanto, é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da *diferença* e de exposição constante de cada cultura às *outras*, de minha identidade àquela do outro.

Já Beatriz Sarlo (2004, p. 101) é mais explícita em sua colocação. Para a autora,

as culturas urbanas são uma mistura dinâmica, um espaço varrido pelos ventos dos meios de massa. (...) “Hibridização”, “mestiçagem”, “reciclagem”, “mescla”, são as palavras usadas para descrever o fenômeno. (...) O hermetismo das culturas camponesas, inclusive a miséria e o isolamento das comunidades indígenas, rompeu-se.

Se é assim – se a interpenetração de identidades deixou de ser um mero “efeito-colateral” da modernização³ – seria injusto continuar considerando-a o grande “ônus” da contemporaneidade. O verdadeiro encargo pós-moderno – aquele que, sob todos os aspectos, é temido – passa a ser de ordem material. É a fome que consterna; a precariedade que cerceia; a falta de empregos que gera disputas desumanas. É àqueles que enfrentam esses problemas, habitantes dessa “zona morta” da sociedade capitalista, que nos referimos, ao mobilizarmos algumas obras literárias, no capítulo que segue.

3. Invisíveis sociais na literatura contemporânea

A temática envolvendo sujeitos “invisíveis” aparece de relance, embora de maneira impactante, no conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, de Rubem Fonseca (1992, p. 46):

Queremos ser vistos, queremos que olhem a nossa feiura, nossa sujeira, que sintam o nosso bodum em toda parte; que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram. Dei ordem para os homens não fazerem a barba, para os homens e mulheres e crianças não tomarem banho nos chafarizes, nos chafarizes a gente mijava e caga, temos que feder e enojar como um monte de lixo no meio da rua. E ninguém pede esmola. É preferível a gente roubar do que pedir esmola.

A citação é do personagem Zé Galinha, morador de rua e presidente da União dos Desabrigados e Descamisados. Demonstra, como um desabafo, ou um grito de socorro, alguns dos efeitos da segregação, do “exílio urbano”, impostos, pela sociedade, àqueles que estão à margem – mas,

paradoxalmente, transitam diariamente pelo centro da cidade, “ameaçando” a ordem metropolitana.

Em outra narrativa de Fonseca (1991, p. 1904), *A coleira do cão*, o sentimento de rejeição também aflora, por parte daqueles que vivem na subalternidade, mas têm consciência da relação dicotômica, quase complementar, entre morro e asfalto, margem e centro, “invisíveis” e cidadãos reconhecidos como tal:

Quando chove desce tudo (os excrementos) pelas valas, misturada com urina, restos de comida, porcária dos animais, lama e vem parar no asfalto. Uma parte entra pelos ralos, outra vira poeira fininha que vai parar no pára-lama dos automóveis e nos apartamentos grã-finos das madames, que não fazem a menor ideia que estão tirando merda em pó de cima dos móveis. Jam todas ter um chilique se soubessem disso.

Talvez o lixo e a sujeira não sejam propriamente tabus, mas o fato é que, raramente, ocupam lugar de destaque na literatura. Entre os escritores brasileiros, Rubem Fonseca é um dos poucos a incluir esse tema em suas abordagens, comumente voltadas para o submundo, para a escória social e humana.⁴ No cinema, sob uma perspectiva predominantemente documental, também há poucos exemplos que mereçam destaque, como o filme *A margem do lixo*⁵ (2009), de Evaldo Mocarzel. Mas, por que o lixo é tão ignorado pelos autores?

Possivelmente, pelo desconforto que o tema suscita, ao desencadear sensações que inevitavelmente invadem os cinco sentidos – visão, olfato, audição, paladar e tato – de maneira desagradável. Ou, ainda pior, pelo senso comum (pelo menos, até há bem pouco tempo), de que se trata de questão menor, insignificante, ao contrário da morte ou da violência (igualmente incômodos, mas sempre privilegiados pelos literatos).

Historicamente, o lixo sempre esteve ligado ao indesejável, ao avesso da civilização: fedor, excremento, contaminação, podridão, azedume, barulho, feiura, baratas... São estas as palavras que vêm à mente da maioria das pessoas, quando se fala no assunto. Questões que a própria humanidade fez questão, durante séculos, de ocultar, quem sabe por serem aspectos mal resolvidos da barbárie que ainda reside em nós.

Tão repulsivo é o lixo, que uma das estratégias sociais mais comumente utilizadas para lidar com ele é a do desprezo – pelos detritos propriamente ditos e por todo o contexto que o cerca – mesmo que neste estejam integrados seres humanos.

Foi o que concluiu o psicólogo Fernando Braga da Costa (2004), em sua dissertação de Mestrado – mais tarde, transformada em livro – *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Durante nove anos, semanalmente, o pesquisador travestiu-se de gari, infiltrando-se junto aos varredores da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP).

Em seu trabalho de observação participante, Braga da Costa (2004, p. 137) vislumbrou um mundo novo, geograficamente tão próximo de seu cotidiano acadêmico, mas, ao mesmo tempo, tão distante de sua condição social:

Os garis abriram meus olhos. Alguma consciência emergiu. Passei a ver coisas que não via. Passei a ouvir coisas que não ouvia. Passei a sofrer por coisas pelas quais não sofria. (...) O drama da luta de classes, já tão enraizado socialmente, contaminando a seiva que vitaliza nossas relações com o outro, transformando nossa visão em cegueira, escancarou-se.

O que o psicólogo observou sobre a vida em meio ao lixo, chamou de “invisibilidade pública”, definida por ele como: “Expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres” (COSTA, 2004, p. 22).

Fernando constatou que não apenas os dejetos são rechaçados pela sociedade, mas, também, aquelas pessoas que se relacionam a eles (sejam trabalhadores, como os garis, ou pessoas que estão alijadas do mercado de trabalho, e se vêem obrigadas a retirar seu sustento do lixo). É como se a maioria dos cidadãos fizesse questão de ignorar o que é feio, sujo ou “inútil”, transferindo a rejeição para os sujeitos que dependem daquele contexto, que ali obtêm sua sobrevivência. Assim, de acordo com o psicólogo, ocorre o “desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens; expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter

crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação” (COSTA, 2004, p. 63).

Mas esta não é uma realidade exclusiva do ocidente, indicando, talvez, que se trata de característica inerente ao próprio ser humano. Em contexto bastante diverso do nosso, na Índia, há os *dalits* – membros das castas baixas – e, por isso, desprezados, destinados a realizar tarefas indesejadas, repudiadas pelos representantes de outras castas - como limpar os banheiros, varrer as ruas e recolher o lixo. Segundo a crença do país, não se deve tocar em um *dalit*, sob pena de tornar-se impuro.

A impureza liga, então, os *dalits* e a matéria-prima que dá sentido às suas vidas: o lixo, o resíduo que ninguém quer por perto. Este grupo vive na mais violenta segregação: evitado e até temido pelo restante da sociedade, fadado ao isolamento e à privação de direitos básicos.

No ocidente também há *dalits* (ou homens invisíveis, seguindo a nomenclatura de Fernando Braga da Costa). Não são determinados por castas, mas por integrarem o excedente social, seja do ponto de vista econômico ou ideológico. E, assim como os “intocáveis” indianos, são considerados parte do lixo que deve ser ocultado, para que a sociedade caminhe em perfeita ordem.

4. Indivíduos sem serventia – os “fora de lugar”

A socióloga Lucia Luiz Pinto afirma que, nas sociedades urbanas, em especial, nas metrópoles, é considerado lixo, todo e qualquer objeto sem uso, descartável, que não tenha serventia nem valor imediato ao cidadão que detém a sua posse. Com base nessa concepção, materiais dos mais diversos, independente de sua possibilidade de reutilização e/ou reciclagem, são deliberadamente dispostos para coleta nos domicílios e para a destinação final em vazadouros, aterros e, mais recentemente, encaminhados para usinas de reciclagem.⁶

Uma questão, em especial, chama a atenção nas considerações de Lucia, que é consultora na área de estudos socioambientais: a serventia. Só é descartado aquilo – ou aquele – que deixa de servir, perde a utilidade, aos olhos de quem detém o poder de decisão sobre o que é – ou não – necessário.

Segundo esse critério, na sociedade pós-moderna, o detrito é, invariavelmente, o que excede, torna-se obsoleto ou não consegue se adaptar às demandas do mercado, constantemente renováveis. Até aí, nada demais. O advento da “era do descartável” já é de conhecimento geral e tem, além de Bauman⁷, vários outros críticos, como Jean Baudrillard, Fredric Jameson, Jean François Lyotard e Gilles Lipovetsky, que relacionam a efemeridade ao contexto contemporâneo.

A questão ganha novos contornos, e passa a mobilizar um maior número de pessoas, quando o descarte do imprestável já não ocorre de maneira fisiológica, como em um passado recente. É aí que os rejeitos passam a ser lembrados, não como algo de que conseguimos nos desvencilhar, mas, como aquilo que nos assombra, e cuja destinação representa um desafio. É quando, na era contemporânea, as biografias de marginalizados ganham destaque no mercado editorial e na mídia em geral, suscitando debates como o que permeia este breve artigo, que, ao apontar algumas obras literárias, suplanta a questão estética, tangendo implicações sociais, políticas e culturais.

Em âmbito material, sabe-se que os lixões estão saturados. O efeito mais evidente é a ameaça ao meio ambiente, principalmente aos rios e ao solo. No que se refere às pessoas, vivenciamos o que Bauman classifica como “crise aguda da indústria de remoção do refugo humano” (BAUMAN, 2005, p. 13). Nas duas esferas, os desdobramentos são análogos: por falta de espaço, o que deveria ser removido, rechaçado, retorna à sociedade; emerge, contrariando o ideal preponderante de limpeza, passando a ocupar lugares inapropriados.

Eis a configuração do mais temido lixo: aquele que está fora de lugar. Este, aliás, é o critério mencionado pela antropóloga social Mary Douglas, ao analisar as divergências culturais sob a ótica da poluição. Segundo Douglas (1991, p. 50):

Quando tivermos abstraído a patogenia e a higiene de nossas ideias sobre a impureza, ficaremos com a velha definição nas mãos: qualquer coisa que não está no seu lugar. Este ponto de vista é muito fecundo. Implica, por um lado, a existência de um conjunto de relações ordenadas e, por outro, a subversão desta ordem.

No raciocínio de Douglas, o manancial que nos permite elaborar algumas (in) conclusões, que expomos a seguir.

5. Considerações finais

O lócus do lixo é relativo; compreende, basicamente, qualquer território em que não é bem-vindo, onde gera reações de desconforto. Assim, a impureza não tem sentido em si mesma, mas, na relação que a coisa ou pessoa em questão desenvolve com o meio em que está inserida: “Estes sapatos não são impuros em si mesmos, mas é impuro pô-los sobre a mesa de jantar; estes alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir” (DOUGLAS, 1991, p. 50-51). Daí a constatação da autora, de que o comportamento humano, diante da poluição, consiste em recriminar qualquer objeto ou ideia passível de lançar confusão ou de contradizer as nossas “preciosas e sólidas” classificações.

Por conseguinte, quando rotulamos, como supérfluo, algum objeto ou subjetividade, estamos nos referindo a algo que não encontra lugar pré-estabelecido em nossa sociedade. O “dejeito” que teima em sobressair, que não é devidamente banido ou reciclado, é veementemente combatido, porque representa uma ameaça, carrega em si o espectro da subversão, a potencialidade de desordenar nosso sistema social. A poluição, como apregoa Douglas, configura uma “categoria particular de perigo” (DOUGLAS, 1991, p. 119). Por isso é relegada, fadada ao silêncio, ao exílio. Quando, por algum motivo, transborda, causa aversão, como aponta Mary Douglas (1991, p. 135):

Os “poluentes” nunca têm razão. Não estão no seu lugar ou atravessaram uma linha que não deveriam ter atravessado e este deslocamento resultou num perigo para alguém. (...) Eis a melhor definição que temos a propor desta categoria bem particular de perigos que, não estando reservados ao ser humano, se podem libertar pela sua ação. É um perigo que espreita os aturdidos. E é evidentemente um poder inerente à estrutura das ideias, um poder graças ao qual a estrutura procura proteger-se a si própria.

Há muito de nós na poluição – nós a geramos. Por isso a tememos. Os “supérfluos” nos amedrontam e, ao mesmo tempo, nos intrigam, porque carregam consigo parte de nossa humanidade – aquela que preferíamos esquecer. Nossa negligência, nosso desperdício e nossa incúria estampam os

rostos dos marginalizados, e denunciam a falibilidade de nosso sistema, que funda riquezas e progresso, mas não consegue evitar o ônus; conspurca a natureza, produz refugos humanos. Efeitos colaterais que optamos por recalcar, mas que, na contemporaneidade, retornam, exigindo da sociedade estabelecida uma revisão de posturas.

Se, nas últimas décadas, temas como a reciclagem de resíduos e a mediação com grupos subalternos, marginalizados e “transbordantes” passaram a ocupar a “ordem do dia” é porque já não era mais possível manter o “rejeito” longe de nós. O marginal saiu da favela; a sujeira entulhou nossos rios e mares, contaminou o solo e maculou nosso território, demandando uma revisão de conceitos, acerca do que antes era só entulho.

Notas explicativas

Evidentemente, a noção de pós-modernidade não é a única a tentar elucidar o período que se segue à modernidade. Estudos como o de Jameson, sobre o capitalismo tardio (1997); Lipovetsky, com a ideia de hipermodernidade (2004), e Vattimo, a respeito da sociedade transparente (1992) potencializam a discussão.

² Em *A condição Pós-Moderna* (2002), Jean-François Lyotard expõe os pressupostos que caracterizam a Pós-Modernidade, focando o debate em sua tese sobre o fim das metanarrativas de legitimação da modernidade.

³ É fundamental esclarecer que, mesmo com a mudança de paradigmas, a relação entre culturas continua representando um grande desafio, especialmente quando, em contextos pós-coloniais, observa-se a sobrepujança de uma cultura em relação a outra. Como pondera Martín-Barbero: “[A mundialização da cultura] não deve ser lida na ótica otimista do desaparecimento das fronteiras e do surgimento (enfim!) de uma comunidade universal, tampouco na ótica catastrófica de uma sociedade na qual a “libertação das diferenças” acarretaria a morte do tecido societário, das formas elementares da convivência social”. (MARTÍN-BARBERO. In.: MORAES. *Por uma outra comunicação*, p. 61). Portanto, ao afirmarmos que a contaminação entre culturas deixou de ter o espectro negativo que tinha na modernidade, o fazemos com ressalvas.

⁴ Encontramos, ainda, o lixo, a miséria e a degradação humana como elementos contextuais em obras como *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato; *Passaporte*, de Fernando Bonassi, e no conto Muribeca, que faz parte de *Angu de sangue*, de Marcelino Freire.

⁵ O filme retrata o dia-a-dia dos catadores de materiais recicláveis da cidade de São Paulo. Faz parte de uma tetralogia, iniciada em 2003 com *À margem da imagem* (sobre moradores de rua), seguido de *À margem do concreto* (que aborda os ocupantes de prédios vazios) e que deverá ser concluída com *À margem do consumo* (enfocando o espírito consumista dos moradores de uma favela). Os quatro filmes têm como objetivo traçar um panorama das estratégias de sobrevivência de uma “outra cidade” à margem da cidade de São Paulo.

⁶ *O trabalhador do lixo*. In.: PRADO, Marcos, *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004. (p. 41)

⁷ Zygmunt Bauman debate a era do descartável em alguns de seus livros, como *Modernidade líquida* (2001) e *Vidas desperdiçadas* (2005), utilizado, com maior ênfase, no presente artigo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 260p.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 176p.

COSTA, Fernando Braga de. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004. 288p.

DOUGLAS, Mary; SILVA, Sonia Pereira da. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70, 1991. 232p.

FONSECA, Rubem. *A coleira do cão: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 207p.

FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 188p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. 124p.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002. 132p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 57-77.

MOCARZEL, Evaldo. *A margem do lixo*. São Paulo: SP Produções, 2009. Filme

PINTO, Lucia Luiz. O trabalhador do lixo. In.: PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004. p. 41

SAID, Edward W.; SOARES, Pedro Maia. *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 352p.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 193p.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 432p.